

# MÔNADAS ABERTAS: a evolução de um conceito

Copyright © 2013  
SBPjor / Associação  
Brasileira de  
Pesquisadores em  
Jornalismo

CARLOS PERNISA JÚNIOR  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

**RESUMO** - As narrativas digitais contemporâneas são foco destacado deste artigo. A evolução do conceito de “mônadas abertas” – o objeto principal da discussão – vai ser retratada desde quando esse conceito ainda estava ligado à reportagem jornalística na web, chegando ao campo das artes. A estrutura horizontal desse modelo das “mônadas abertas” é um ponto importante para se compreender a sua posição na comunicação contemporânea, que já não é mais somente aquela chamada “de massa” ou “massiva”, mas que assume novos aspectos, inclusive abrindo espaços para novas conexões com outras áreas. Nesse caso, a ligação com as artes, sob o viés da tecnologia, é uma interface possível. Em sua metodologia, há uma investigação teórica, mas não se desvinculando da parte prática, com exemplos de trabalhos já criados, em andamento ou que estão sendo ainda gestados.

**Palavras-Chave:** Comunicação. Cibercultura. Narrativas digitais. Mônadas abertas.

## MÓNADAS ABIERTAS: la evolución de un concepto

**RESUMEN** - Este artículo centra su atención en las narrativas digitales contemporâneas. Se analizará la evolución del concepto de “mônadas abiertas” —objeto principal de la discusión— desde cuando aún estaba ligado al reportaje periodístico en la Red hasta llegar al campo de las artes. La estructura horizontal de este modelo de las “mônadas abiertas” es un punto importante para comprender su posición en la comunicación contemporânea, que ya no es solamente la llamada “de masas” o “masiva”, sino que asume nuevos aspectos, incluso abriendo espacios para nuevas conexiones con otras áreas. En este caso, la conexión con las artes, desde el ángulo de la tecnología, es una interfaz posible. En cuanto a la metodología, se trata de una investigación teórica que no se desvincula de la parte práctica, con ejemplos de trabajos ya realizados, aún en curso o que todavía están siendo gestados.

**Palabras clave:** Comunicación. Cibercultura. Narrativas digitales. Mônadas abiertas.

## OPENED MONADS: the evolution of a concept

**ABSTRACT** - The contemporary digital narratives are the focus of this paper. The evolution of the concept of “opened monads” – the mainly subject in discussion – will be portrayed since it was still connected to journalistic reporting in the web, arriving to the field of arts. The horizontal structure of the “opened monads” model is an important point to the understanding of its positions in contemporary communications, once it is no longer the one called “mass media”, but the one assuming new aspects, even establishing new connections with other areas. In this case, the connection with arts, under the technology bias, is a possible interface. In its methodology, there is a theoretical investigation, but maintaining its link with the applied part, with examples of existing work, work in progress or work that is still on going.

**Keywords:** Communication. Cyberculture. Digital narratives. Opened monads.

## INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido até agora é mais uma exploração em uma determinada área, que abrange o jornalismo indo até o campo das artes, numa tentativa de verificar a eficiência de um modelo possível para as narrativas digitais contemporâneas. Para isso, está sendo proposto um conceito, já descrito em trabalhos anteriores<sup>1</sup>, que sofre algumas alterações neste artigo, a começar pelo nome.

De “mônada aberta” passa-se a trabalhar com o plural “mônadas abertas”. Já no século XX, aparece o conceito composto de mônadas abertas, proposto por Gabriel Tarde (2003). O sociólogo francês está atento ao fato de que a sociedade deve ser explicada a partir do jogo de intensidades resultantes da ação de indivíduos.

Aqui, em analogia, mônadas abertas seriam elementos autônomos – textos, vídeos, gráficos etc. – que se inter-relacionam para a produção de um todo harmônico de informações, sem que sejam, em função desse todo, obliterados em sua integridade individual. Há diferença, portanto, entre as mônadas e os elementos de um sistema, porque, no segundo caso, o indivíduo só é definível dada a sua funcionalidade em relação ao todo.

Além disso, há de se destacar esse caráter exploratório na criação do conceito, procurando ampliá-lo a partir de um viés mais jornalístico para o campo artístico. Essa passagem está sendo feita aos poucos, baseada na evolução do conceito e em empreendimentos teóricos e práticos nessas áreas.

A ideia das “mônadas abertas” surge de um problema concreto, relacionado com o jornalismo na web. Posteriormente, outra questão, ligada à produção de conteúdos audiovisuais para a TV digital, faz com que o conceito seja estendido à área das narrativas digitais, o que envolve também a arte e sua parte ficcional.

A fim de dar conta desses aspectos, que são mais próximos da prática profissional, foi necessário também um trabalho teórico para o desenvolvimento do conceito. A pesquisa foi encaminhada no sentido de validar o que se apresentava na prática, buscando um alicerce teórico que desse conta do que estava sendo construído.

De início, é preciso compreender a ideia inicial de “horizontalidade”, que se opõe ao modelo vertical do jornalismo convencional. Em seguida, deve ser feita a verificação de um novo paradigma na comunicação, em que a relação até então estabelecida entre emissor e receptor seja colocada em questão, sendo tratada sob

uma nova ótica, mais afeita a um relacionamento menos hierarquizado e mais horizontal.

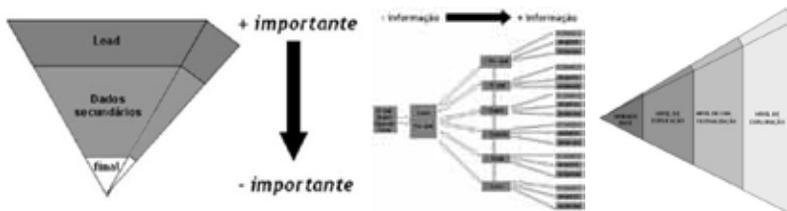
Em paralelo a esse movimento, outro projeto de pesquisa, que envolvia arte, comunicação e tecnologia, começou a apontar caminhos possíveis a serem trilhados por uma investigação que envolvesse o conceito de “mônadas abertas”. É o que este presente trabalho pretende desenvolver com mais detalhamento.

Importante ressaltar que tudo isso envolve não só o esforço de um docente da área de Comunicação, mas uma grande equipe, que não atua como um corpo único, homogêneo e com os mesmos objetivos – e ao mesmo tempo –, mas que, em algum momento, envolveu-se com este projeto. São docentes e discentes de Comunicação, Ciências da Computação, Artes, além de pessoas ligadas a outras instituições de ensino que não a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

### 1 O CONCEITO

O conceito de “mônadas abertas” foi explorado pela primeira vez – ainda como “mônada aberta” – em um trabalho em parceria com outro professor (PERNISA JÚNIOR; ALVES, 2009a e 2010). A ideia central era discutir a reportagem na web. Nessa perspectiva, ao invés de investir no modelo do jornalismo tradicional de notícia, que trabalha com a verticalidade do lead e sublead da “pirâmide invertida”<sup>2</sup>, a proposta foi buscar a horizontalidade na reportagem. De certa forma, isso já estava previsto na maneira como o pesquisador João Canavilhas (2006) trata da questão, quando fala da “pirâmide deitada”<sup>3</sup> (FIG. 1). A ideia de Canavilhas é a de que uma matéria pode incluir novas informações ao longo de sua construção, explorando mais suas potencialidades.

**Figura 1** A passagem do modelo da “pirâmide invertida” para o modelo da “pirâmide deitada”, segundo os esquemas de João Canavilhas



Fonte: CANAVILHAS, 2006, p. 5 e 14-15

A proposta inicial das “mônadas abertas”, feita em 2009, tentava ir além, enxergando outras possibilidades. Nessa perspectiva, a “pirâmide deitada”, de Canavilhas, buscava organizar na web a pirâmide invertida do jornalismo convencional, entendendo que a forma de produção da notícia muda na rede. É uma ideia possível e válida. Contudo, a proposta das “mônadas abertas” tem outra concepção. Em primeiro lugar, deve-se ficar bem claro, a preocupação é com a reportagem.

Há, na web, uma visão compartilhada por autores como Pollyana Ferrari (2004), de que o que importa é a notícia. A reportagem, em grande parte das vezes, é deixada de lado. No entanto, há de se investigar a reportagem no âmbito da web. Essa é a proposta feita desde o início desse processo. Não é simplesmente negar a importância da notícia na web, mas, antes, verificar que a interface gráfica da internet não se presta apenas à nota curta e rápida.

A pesquisa avançou, então, em direção a um novo ponto, que busca a ligação do jornalismo com outras áreas do conhecimento humano. O principal foi verificar como a reportagem relaciona-se com a literatura e pode ir além da notícia como simples passagem de informação. Aqui, pode-se pensar em diversos tipos de reportagem, como ressaltam Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986). Além disso, pensa-se também nos contos de Jorge Luis Borges (1998, 1999) e em reportagem-conto (SODRÉ; FERRARI, 1986), como vai ser visto mais à frente.

Por fim, chega-se a outra possibilidade estruturada na relação entre jornalismo – comunicação –, arte e tecnologia. Ela implica também na reconfiguração da comunicação contemporânea e na sua atual interdependência com a técnica – ou com a tecnologia. Esse ponto torna-se fundamental para entender como a comunicação está passando por profundas modificações que não afetam apenas seu nível mais superficial, mas sim suas estruturas mais profundas (JOHNSON, 2001).

Reunindo esses pontos, nasce a ideia da criação de um conceito que cuide, inicialmente, de uma questão prática: de que maneira o jornalismo na web vai lidar com as características específicas do meio digital. O exemplo que se trabalhou primeiro foi o da pesquisa feita pelos chamados “sites de busca”<sup>4</sup>. O que se procurou foi analisar como um termo colocado em um desses chamados “buscadores” – e que se encontra em uma parte qualquer de uma matéria jornalística na web –, pode ser localizado e entendido em seu contexto. Na prática, o que se via – e se vê ainda – é que os veículos jornalísticos na web não têm uma organização de suas pesquisas para que sempre se coloque o resultado

de uma busca em uma página inicial relativa ao assunto tratado.

Em outras palavras, se o material pesquisado é uma reportagem na web com diversas páginas com assuntos específicos<sup>5</sup>, um termo buscado pode estar em qualquer uma delas e, não necessariamente, na inicial. Isso pode gerar problemas na leitura e no entendimento desse material se o site não tiver um gerenciamento que organize essa busca para um determinado ponto inicial. Para que isso não aconteça, pode ser feito um trabalho de programação que redirecione a pesquisa e sempre respeite uma ordem pré-determinada de leitura. Isso, no entanto, não é, certamente, sempre algo fácil de ser feito, principalmente para o jornalista, que não domina os meandros da informática.

Foi pensando nesse tipo específico de problema que se criou a ideia inicial de “mônada aberta” – ainda no singular<sup>6</sup>. Foi buscada uma estrutura para a reportagem na web que se preocupasse com cada elemento do conjunto de uma grande matéria jornalística. Cada “parte” – por assim dizer – trataria de um tema ou assunto, do modo mais aprofundado possível – utilizando inclusive os recursos digitais que não se limitam ao texto, mas que incluem imagens e som. Essa divisão comportaria uma estrutura do que poderia – de certo modo, no jargão jornalístico – ser chamado de “retrancas”. O nome, porém, não parece o mais adequado e, na evolução do conceito a que se chega agora, optou-se por tratá-las como “mônadas” – observando-se, neste momento, o plural, já que se trabalha com várias “partes”, que seriam os blocos de matérias, e não apenas com uma “parte” ou um bloco.

A ideia de mônada remete a autores como Leibniz (1983) e, para ele, significa algo uno e indivisível, sendo compreendida como uma “substância elementar”. Geralmente, ela é tratada como uma estrutura fechada, mas o que se propõe aqui é a possibilidade de uma mônada ligar-se a outras. Como a reportagem jornalística na web tem suas características próprias, pensa-se que cada “mônada” possa funcionar como um bloco, o mais completo possível, naquilo que se pretende discutir sobre aquele determinado aspecto, que compreende um assunto dentro da temática da matéria tratada. Inclusive, vale aqui se pensar em certa redundância, para que o usuário possa se inteirar do assunto geral tratado sem recorrer a uma matéria, que, nesse caso específico, poderia ser chamada de inicial. A passagem de um tema a outro da reportagem se dá pensando na estrutura dos links da web (ver FIG. 2).

Sob essa ótica, pode-se ler o material em uma sequência prevista pela edição – de um modo linear – ou fazer uma leitura não linear por meio desses links, constituídos por palavras-chave marcadas no texto

ou outra forma de ligação em espaços de imagens e de som. Isso faz com que as “mônadas” “abram-se” umas para as outras. Essas aberturas também podem ser, ocasionalmente, para outros locais na web, fora daquela reportagem específica. Tudo isso se constitui no que, hoje, é chamado aqui de “mônadas abertas”.

## 2 A ESTRUTURA

O modelo de “mônadas abertas” não é proposto como o único possível para o jornalismo na web e mesmo para a reportagem nesse meio. Assim, ele é uma alternativa que, acredita-se, seja viável para uma estrutura que não trabalhe com a proposta do jornalismo convencional, verticalizado, da “pirâmide invertida”. Esta, apesar de defendida também para o jornalismo na web por autores como Pollyana Ferrari (2004)<sup>7</sup>, presta-se muito mais a uma estrutura de notícia do que de reportagem. João Canavilhas (2006), conforme já foi visto, percebe isso e lança mão de outro modelo, ao qual dá o nome de “pirâmide deitada”, tentando tornar o processo de construção da grande matéria jornalística mais horizontal.

A horizontalidade é importante também para o conceito das “mônadas abertas”, já que sua estrutura privilegia uma não hierarquização dos blocos de matérias que compõem a reportagem. O modelo verticalizado, por sua vez, está muito mais ligado ao jornalismo convencional, em que tempo e espaço são bastante limitados. Isso implica em um destaque para determinadas partes das matérias, impondo diferentes graus de importância para cada momento do que está sendo relatado. Desse modo, o que é colocado como mais importante vai para locais de destaque nos veículos de comunicação convencionais, deixando o menos relevante para o final, onde pode ser cortado por falta de tempo ou de espaço. Não se trata, na reportagem na web, de montar novamente esse tipo de modelo, pois exatamente a riqueza da narrativa digital pode ser perdida ao fazer essa escolha. O ideal é pensar em uma estrutura horizontal para que o usuário faça seus caminhos particulares no conteúdo apresentado, privilegiando o que lhe interessa e não o que foi determinado por um editor como o mais importante.

Logicamente, essa horizontalidade não funciona de um modo completo. Como há um padrão de leitura, no Ocidente, da esquerda para a direita e de cima para baixo, isso interfere também na visão da tela do computador e cria zonas privilegiadas de atenção, deixando entrever outra estrutura, mesmo que na horizontal, na qual determinados espaços são mais atraentes do que outros. Ainda assim, acredita-se que o modelo

horizontal possa ter suas vantagens sobre o verticalizado, já que aquele deixa um pouco mais de espaço para o usuário fazer suas escolhas.

A estrutura das “mônadas abertas” apresenta-se, então, de uma forma diferente daquelas das “pirâmides invertida e deitada” (FIG. 2). Partindo da pirâmide invertida, passa-se pela pirâmide deitada e chega-se à estrutura do modelo das “mônadas abertas”, em que cada matéria seria uma “mônada”, uma “parte”, um bloco. No primeiro modo, a grande seta representa os links possíveis entre elas, indicando uma leitura linear, já no segundo modo, as setas indicam uma leitura não linear. A ideia geral é a de que a visualização, no caso de percursos não lineares, não tem de começar por uma determinada matéria, mas por qualquer uma delas.

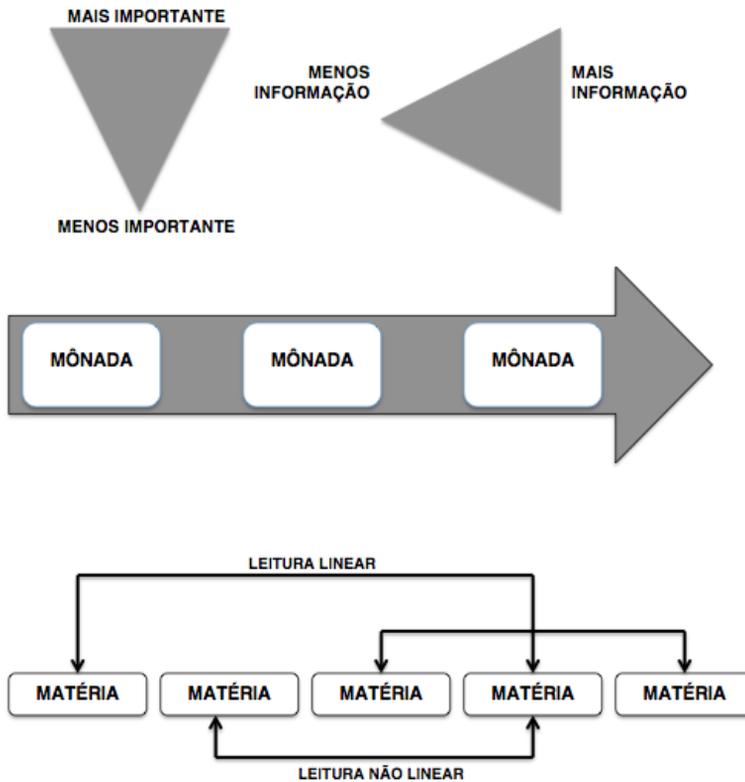
Importante notar que esse modelo está sendo testado em algumas matérias por alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora<sup>8</sup> e que, nesse caso, aqueles que estão produzindo as reportagens entendem que o modelo proporciona novas formas de leitura e de visualização do conteúdo, o que faz com que busquem se aprimorar tanto na produção de seu próprio conteúdo quanto na atenção ao dos colegas, no sentido de colocar em prática as “aberturas” de suas matérias para as dos demais, além de verificar com mais detalhes as possibilidades de ligações com outros documentos já existentes na própria web.

Um dos trabalhos foi o que tratava dos 50 anos do Curso de Jornalismo de Juiz de Fora, em que foi utilizado um mapa, que continha indicações para as matérias presentes em um site, em uma estrutura de mash-up. Ele foi produzido ao longo de um ano e não havia uma matéria principal, mas, a partir do mapa, qualquer ponto marcado poderia ser clicado e deslocaria o usuário para o assunto específico escolhido. Parte do material escrito está disponível na web em: <https://sites.google.com/site/facomufjf/>.

Outro trabalho foi o que tratou do cine-jornalista João Gonçalves Carriço, natural de Juiz de Fora (MG), mostrando sua biografia e seus trabalhos, em uma estrutura mais horizontal, sem destaque para algum momento ou matéria específica, disponível em um site que procurava adotar essa organização no formato das “mônadas abertas” (<https://sites.google.com/site/jgcarrico/>).

A proposta, porém, não é somente trabalhar com uma nova forma de encarar a reportagem jornalística na web, mas também verificar que há mais espaços para que o modelo das “mônadas abertas” possa ser explorado.

Figura 2 Os modelos de pirâmide invertida, pirâmide deitada e mônadas abertas e seus modos de leitura



Fonte: elaborada pelo autor

### 3 A LIGAÇÃO COM A DIMENSÃO ARTÍSTICA

Essa visão nasceu de projetos que tinham como característica a aproximação da comunicação com as artes, sempre pelo viés da tecnologia<sup>9</sup>. Assim, as “mônadas abertas” da reportagem jornalística foram colocadas ao lado de possibilidades estéticas que pudessem levar à frente o conceito e alcançassem outros patamares. Foram pensados, para tanto, alguns casos que poderiam ser estudados de forma mais detalhada.

Em um primeiro momento, a ligação já bastante íntima entre jornalismo e literatura saltou aos olhos e fez com que se pensasse em

uma possibilidade de reportagens-conto, de forma que cada uma delas pudesse dar conta de um material específico, mas que esse conjunto de reportagens também tivesse uma coesão e funcionasse quase que como um livro-reportagem, só que na web e sem o peso de algo puramente textual. Daí nasceu também uma aproximação com a obra de Jorge Luis Borges, escritor argentino, que tem no conto um de seus pontos mais fortes.

Já em uma segunda etapa, a ideia foi tratar de narrativas digitais para veículos audiovisuais, com destaque para a TV digital interativa. Essas narrativas tanto podem ser jornalísticas quanto ficcionais. A estrutura das “mônadas abertas” é que deve ser analisada, independente de um determinado conteúdo. O que se pensa é em como trabalhar com blocos de material que despertem o interesse do usuário tanto em sua unidade quanto em sua relação com os outros blocos. Nessa mesma vertente, estuda-se, agora, a possibilidade de se trabalhar com roteiros interativos para mídias locativas, com o uso do GPS como uma forma de organização das narrativas<sup>10</sup>.

A primeira ideia, que ainda não se tornou algo concreto, tem duas vertentes. Uma busca fazer uma reordenação dos contos de Borges, retirando-os dos diversos livros do autor argentino e transferindo-os para um banco de dados que funcionaria da seguinte maneira: ao entrar no espaço virtual, o leitor/usuário estaria em um primeiro estágio no qual escolheria diversas opções de leitura. Não estariam ali os nomes dos livros de Borges – como *Ficções*, *O Aleph*, *O livro de areia* –, mas trilhas, trajetórias possíveis dentro do universo borgeano. Desse modo, um assunto de interesse do autor é que direcionaria o leitor/usuário. Apareceriam, ainda, percursos a serem trilhados, algo como “Tigres”, “Labirintos”, “Duplos”, “As mil e uma noites”<sup>11</sup>. Dentro de cada um desses percursos, estariam os contos de Borges ligados àquele determinado assunto, que seriam colocados à disposição do leitor de maneira aleatória, em um processo randômico. Assim, a cada momento, surgiria um novo conto, não estando ele vinculado a nenhuma ordem cronológica ou de publicação.

Além disso, pensou-se em um processo em que esses percursos pudessem se cruzar. Por exemplo, se um conto trata de “labirintos”, mas também de “tigres”, haveria um link possível para se sair da ordem dos “labirintos” e ir para a dos “tigres”, fazendo com que o leitor/usuário interferisse, por meio de suas escolhas, no seu processo de leitura. Isso é pensado para potencializar a narrativa de Borges e mostrar uma característica de sua obra, que são os temas que mais o apaixonavam e

que, frequentemente, estavam presentes em seus contos.

Ao lado dessa dimensão artística aparece outra, ligada ao jornalismo, que faz como que o caminho inverso dessa busca por Borges. Partindo da concepção do banco de dados dos textos de Borges, abre-se a possibilidade de se fazer matérias jornalísticas que se assemelhem aos seus contos, que seriam as reportagens-conto. Cada reportagem funcionaria, então, como um bloco autônomo – mônada –, mas que pudesse ter ligação com outras por assuntos correlatos – sendo feita essa ligação entre elas por meio de links. Não é uma única reportagem sobre um tema geral, como estava sendo visto no início desse texto, mas várias reportagens que tivessem pontos comuns, os mais variados, gerando diversas possibilidades de links e de visualizações.

Pensa-se mesmo na ideia de “narrativas transmidiáticas”, de Jenkins (2008), em que é criado um universo ficcional, com várias histórias que podem ser contadas a partir dele, em múltiplos suportes diferentes. O exemplo de Jenkins é *Matrix*, que foi uma trilogia de filmes para cinema, havendo também jogos, revistas em quadrinhos, desenhos animados, entre outros.

A partir desse exemplo, trabalhou-se com a possibilidade de um “jornalismo transmidiático” (PERNISA JÚNIOR, 2010a; FORD, 2008; GOMEZ, 2010 e SCOLARI, 2009 e 2011), em que uma reportagem pudesse ser feita e relacionada com outras, em diferentes veículos de imprensa. Assim, algo que fosse matéria no rádio poderia ser relacionado com uma reportagem em uma revista impressa e também com um documentário de cinema, por exemplo. Nesse novo contexto, seriam muitas as possibilidades de visualização e entendimento por parte do usuário/leitor/ouvinte do que ele estaria recebendo como material diverso, mas que, ao mesmo tempo, é apresentado com ligações – links – entre si, gerando uma contextualização dos fatos que, talvez, não fosse possível se ele tivesse acesso apenas a um material impresso ou radiofônico ou audiovisual.

Necessário lembrar que “jornalismo transmidiático” seria entendido no contexto de Geane Alzamora e Lorena Tárzia (2012, p. 31), em que se vai além das ligações entre o material de diversos meios e “se constituiria nos interstícios da rede intermídia, não sendo possível caracterizá-lo como específico de qualquer ambiente isoladamente”. Ao mesmo tempo, pode-se pensar, a partir do que é proposto por elas, em outras possibilidades, como as colocadas por Scolari, quando trata de participação e colaboração de usuários (SCOLARI apud ALZAMORA; TÁRCIA, 2012).

Já o segundo momento de reflexão sobre as “mônadas abertas” e sua utilização em um contexto mais próximo da arte remete a narrativas feitas para veículos audiovisuais, com destaque para a TV digital e, mais recentemente, para mídias locativas<sup>12</sup>. Essas narrativas são inicialmente pensadas como roteiros interativos, em que haja também blocos autônomos de materiais diversos, mas que possam conter ligações entre si. Como se trata de material, a princípio, ficcional, essas ligações não seriam necessariamente de ordem lógica, formal, mas poderiam ser de diversas ordens, incluindo aí a afetiva, a sensorial, entre outras.

Para que esse material audiovisual pudesse ser visto pelo usuário/espectador, pensou-se primeiramente na TV digital interativa, aquela que conta com um canal de retorno, em que o público pode interferir, de algum modo, no que deseja ver. Como as “mônadas abertas” funcionam em blocos – módulos – autônomos, pensou-se em uma estrutura em que cada bloco contasse uma história – como nos contos de Borges – e que desse conta de si mesmo. No entanto, por ligações que teriam motivações diversas, essas histórias poderiam se cruzar e montar outras estruturas, indo além daquela história inicial.

Com a possibilidade de se fazerem filmes para mídias locativas, a ideia passou a ser também a utilização de pontos marcados com GPS para estabelecer a entrada nas histórias e que esses pontos também pudessem interferir nos roteiros, que seriam menos interativos, por um lado, mas teriam um forte elemento espacial, por outro<sup>13</sup>. Essas histórias poderiam ou não indicar um determinado percurso. Na concepção atual, porém, a motivação é que as histórias não tenham necessariamente esse percurso previsto.

#### **4 A COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Focando mais a discussão na teoria da comunicação, vê-se que a ideia da horizontalidade está presente também nas relações entre emissor e receptor, de modo que o primeiro, antes uma figura de destaque e com grandes poderes sobre o segundo, está sendo colocado como mais um elemento da relação e não o principal.

A horizontalidade torna-se visível se, em alguns casos concretos de difusão de conteúdos, o emissor não está mais colocado como o único que pode funcionar como enunciador. A relação, em instâncias nas quais a chamada “comunicação de massa”<sup>14</sup> não é a única possível, mostra que há um nivelamento entre emissores e receptores, do qual se tira a ideia também da horizontalidade, frente a uma verticalização de tempos anteriores. Essa pode ser percebida facilmente se um dos

elementos da comunicação – no caso, o emissor, como proprietário dos meios, dos veículos – fica em posição de destaque e ocupa o alto de uma outra pirâmide, a social, como detentor de poderes que também são econômicos e políticos.

O quadro seria semelhante a este (FIG. 3), com poucos emissores e muitos receptores da comunicação de massa, em que a passagem da informação tem mais peso do que um diálogo ou uma tentativa de entendimento entre os elementos da relação. A pirâmide comunicacional da mídia de massa, que reflete também a ordem econômica, política e social, mostra que quem tem o poder – e os meios de comunicação – concentra-se no alto da pirâmide enquanto a maioria fica na parte mais baixa, sem tanta chance de se fazer ouvir na sociedade.

**Figura 3** A pirâmide comunicacional da mídia de massa.  
Emissores (poucos)



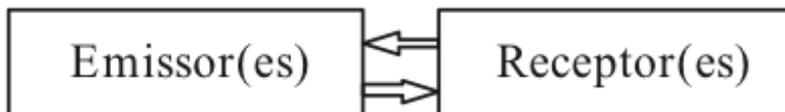
*Fonte: Elaborada pelo autor*

Com a possibilidade, hoje, de uma estrutura mais horizontal (FIG. 4), essa pirâmide já não é a única maneira de se enxergar a comunicação. Assim, onde havia o dispositivo “um-todos”, há espaço, atualmente, para os dispositivos “um-um” e “todos-todos”<sup>15</sup>. O modelo das “mônadas abertas” serve, portanto, como um reforço a essa ideia, de maneira que emissores e receptores tem de, constantemente, rever seus papéis no jogo da comunicação<sup>16</sup>.

Um último ponto deve ser ressaltado: a comunicação e suas relações com outros campos do saber. Com o modelo de massa, a comunicação fica como que restrita à esfera da informação. Porém, a sua dimensão é bem maior, sem desmerecer o seu caráter informativo, que continua aparecendo na base de sua constituição. Assim, sua ligação com as artes, por exemplo, fica em uma zona de sombra, a qual Lucia Santaella volta a trazer à luz em um pequeno livro de 2005 – Por que as

comunicações e as artes estão convergindo? – mostrando ser necessário fazer esse caminho de volta, apresentando as zonas de conexão entre elas. Assim, essa reunião entre comunicação e artes (BENJAMIN, 1985; 1990) também é um reflexo importante do momento atual pelo qual passa a sociedade contemporânea.

**Figura 4** A relação entre emissor(es) e receptor(es) torna-se horizontal, especialmente quando se trata de dispositivos “um-um” ou “todos-todos”



*Fonte: Elaborada pelo autor*

Em trabalhos anteriores (PERNISA JÚNIOR, 2009a; 2009b e 2010b) também foram exploradas as interfaces entre comunicação e artes pelo viés da tecnologia, mostrando que há espaço para entender a reconfiguração do papel do jornalismo, quando, por exemplo, o peso informativo de uma foto de primeira página de um jornal também é relativizado por sua dimensão plástica, estética. Isso não deve ser visto como uma redução do jornalismo, mas como um novo aspecto deste, pois a dimensão artística também pode fazer diferença para o receptor. O exemplo do jornalismo literário, dado anteriormente, também aparece como uma forma de colocar essa relação entre arte e comunicação em um patamar diferenciado. É mais do que hora de verificar como isso se deu, em exemplos como o new journalism, norte-americano, e as reportagens brasileiras de revistas dos anos 1960 e 70, como Realidade, mas também como acontece na atualidade, quando a web aparece como uma nova aposta nessa aproximação, o que deve ser objetivo de um novo trabalho sobre o assunto.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se, assim, ao fim de um percurso que, se parece longo e complexo, por ser fruto de um trabalho de alguns anos de estudo, tem se tornado mais organizado e claro, na medida em que se percebe que a comunicação está em um momento de mutação, e que isso aponta para novos caminhos a serem trilhados. São esses novos desafios que devem ser enfrentados, buscando não uma reafirmação de um modelo anterior ou uma volta a um passado ainda mais remoto, em que a comunicação se

dava de maneira direta, entre duas pessoas que conversavam, e isso acaba sendo visto como a melhor representação do processo comunicacional.

Diferente dessa concepção, espera-se que o olhar volte-se para algo que ainda está em seu momento de criação, que deve ser gestado com cuidado e atenção, projetando-se para além do que já é conhecido e estruturado. Essa nova forma de observar a comunicação não é algo fácil e que já está aí, dado. Enxergar o futuro também não é algo que se pretenda com este trabalho, mas ver o presente como algo que traz mais do que as certezas do passado e que aquilo que ainda não se percebe totalmente não é, de antemão, algo melhor ou pior do que o que já se deu, mas que deve ser, de modo bem claro, diferenciado.

Percebe-se que trabalhar com interfaces pode ser útil à pesquisa na área da comunicação, já que elas se remetem diretamente às conexões possíveis entre campos diversos. Detectar essas aproximações e verificar como elas se dão pode indicar um pouco mais sobre a nova configuração que a comunicação está tomando. Pode-se referir às interfaces como espaços em que a comunicação faz conexões com outras áreas, e, assim, a estrutura das “mônadas abertas” serve como um exemplo a ser visto com relação a essas ligações. Não que seja um modelo único e que somente ele possa ser considerado válido, mas ele demonstra bastante bem como podem funcionar essas conexões em espaços trabalhados, por exemplo, pelo jornalismo, pela literatura, pela fotografia, como foi visto neste trabalho.

Por fim, necessário acrescentar a importância de novos estudos a partir do que foi exposto, no sentido de levar adiante as propostas aqui apresentadas, tanto aquelas com um viés mais prático quanto as de cunho mais teórico. Acredita-se que as experiências com o modelo das “mônadas abertas” poderão auxiliar no mapeamento da comunicação contemporânea, indicando novos rumos para a pesquisa, tanto na prática quanto na teoria.

## NOTAS

- 1 O conceito vem sendo trabalhado desde 2009, em trabalhos apresentados em congressos e também em textos de livro.
- 2 “A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redacção de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e por quê – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse” (CANAVILHAS, 2006, p. 5).
- 3 “Por aproximação à representação gráfica da técnica da pirâmide invertida, verificamos que esta arquitectura sugere uma pirâmide deitada. [...] Propõe-se uma pirâmide deitada com quatro níveis de leitura: A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado.  
O Nível de Explicação responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento.  
No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W’s.  
O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos” (CANAVILHAS, 2006, p. 14-15).
- 4 Sites como o Google, o Yahoo!, entre outros, podem ser chamados de “buscadores”.
- 5 Pode-se dizer, com base em um vocabulário mais jornalístico, que seriam retransmissões da material principal.
- 6 O termo já foi utilizado em outros campos, como a filosofia, mas seu uso no jornalismo digital é pensado em um sentido estrito.
- 7 “Outro conceito tradicional do jornalismo que não pode ser esquecido na web – ao contrário, deve ganhar força – é o lead. Ao escrever on-line, é essencial dizer ao leitor de forma rápida qual é a notícia e por que ele deve continuar lendo aquele texto – daí a importância de recorrer à velha fórmula ‘quem fez o quê, quando, onde e por quê’” (FERRARI, 2004, p. 49).
- 8 Alguns dos projetos ainda estão em desenvolvimento e eles também devem ser colocados em breve em circulação na própria internet.

- 9 Os projetos foram “Comunicação e arte: o digital na interface das linguagens” (2008-2010) e “Comunicação, arte e tecnologia: narrativas contemporâneas”(2010-2012).
- 10 Não se descarta, ainda, a possibilidade de se trabalhar com jogos e nem com espaços híbridos, nos quais arte, jogos e jornalismo possam estar atuando de maneira simultânea no contexto das “mônadas abertas”.
- 11 Notar aqui, claramente, a relação que Borges tinha com esse livro em particular, que aparece em contos, ensaios e poemas do escritor argentino e não com o livro propriamente dito.
- 12 “Podemos definir mídia locativa (*locative media*) como um conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais cujo conteúdo informacional vincula-se a um lugar específico. Locativo é uma categoria gramatical que exprime lugar, como ‘em’, ‘ao lado de’, indicando a localização final ou o momento de uma ação. As mídias locativas são dispositivos informacionais digitais cujo conteúdo da informação está diretamente ligado a uma localidade. Trata-se de processos de emissão e recepção de informação a partir de um determinado local. Isso implica uma relação entre lugares e dispositivos móveis digitais até então inédita” (LEMOS, 2008, p. 207).
- 13 Aqui se pensa em se trabalhar com elementos temporais, também, como histórias que possam tratar de passado, presente e futuro, em um ou em vários espaços demarcados por GPS.
- 14 A comunicação de massa tem relação direta com a teoria matemática da comunicação, de Shannon e Weaver (1962), na qual o interesse era passar a informação da maneira mais rápida e mais clara possível, sem ruídos ou perdas. Assim, pensa-se que se trata de uma teoria matemática da informação e nem tanto da comunicação, baseada na transmissão feita por meio das linhas telefônicas.
- 15 “Podemos distinguir três grandes categorias de dispositivos comunicacionais: um-todos, um-um e todos-todos” (LÉVY, 1999, p. 63). Porém, o que está sendo defendido aqui é um pouco diferente do que trata Lévy em seu texto. Este acredita que o modelo atual do ciberespaço é o todos-todos, mas, aqui, acredita-se que as três categorias estão presentes, hoje, no panorama da comunicação e que o dispositivo um-todos ainda tem força, mesmo em uma sociedade em que ele é colocado em xeque.
- 16 “O jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. Ao dizer

que o sentido de uma mensagem é uma 'função' do contexto, não se define nada, já que o contexto, longe de ser um dado estável, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado. Palavras, frases, letras, sinais ou caretas interpretam, cada um à sua maneira, a rede das mensagens anteriores e tentam influir sobre o significado das mensagens futuras" (LÉVY, 1993, p. 22).

## REFERÊNCIAS

ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n.1, p. 22-35, 2012. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401>. Acesso em: 17 jul. 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. Tradução: Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNHO, Theodor et al. **Teoria da cultura de massa**. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 205-240.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas de Jorge Luis Borges** (4 volumes). São Paulo: Globo, 1998-1999.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Covilhã, Portugal: **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. Labcom/ Universidade da Beira Interior, 2006. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FORD, Sam. Transmedia Journalism: A Story-Based Approach to Convergence. In: **Convergence Culture Consortium**, 2007. Disponível em: [http://www.convergenceculture.org/weblog/2007/04/transmedia\\_journalism\\_a\\_storyb.php](http://www.convergenceculture.org/weblog/2007/04/transmedia_journalism_a_storyb.php). Acesso em: 04 jun. 2010.

GOMEZ, JEFF. Pergunta: Esse modelo de narrativa transmídia storytelling pode ser aplicado ao jornalismo? Você conhece algum caso? In: **Tá Rolando**, 2010. Disponível em: <http://blogs.redeglobo.globo.com/tarolando/2010/02/05/pergunta-pergunta-esse-modelo-de-narrativa-transmidia-storytelling-pode-ser-aplicado-ao-jornalismo-voce-conhece-qual-caso/>. Acesso em: 04 jun. 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução: Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm von. **Monadologia**. São Paulo: Abril Cultural. 1983. (Col. Os pensadores).

LEMOS, André. Mídia Locativa e Territórios Informativos. In: ARANTES, Priscila; SANTAELLA, Lucia (Org.). **Estéticas Tecnológicas**. Novos Modos de Sentir. São Paulo: EDUC/SP, 2008. p. 207-230.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2001.

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. **Comunicação digital: jornalismo, narrativas, estética**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. Mônada aberta: verticalidade e horizontalidade no jornalismo na web. In: Anais - Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Curitiba, PR - 4 a 7 de setembro de 2009. CD-ROM. 2009.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. Artes e comunicações em convergência: a questão das narrativas na era digital. In: Anais - Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** - Rio de Janeiro - 7 a 9 de maio de 2009. CD-ROM. 2009a.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. Jornalismo Transmídia ou Multimídia? In: Anais - Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Caxias do Sul, RS - 2 a 6 de setembro de 2010. CD-ROM. 2010a.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. A mônada aberta nas narrativas contemporâneas: uma investigação. In: Anais - **IV Simpósio Nacional ABCiber** - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura - Rio de Janeiro, RJ - 1, 2 e 3 de novembro de 2010. CD-ROM. 2010b.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. Narrativas contemporâneas: comunicação e arte em tempo de convergência. In: Anais - Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Curitiba, PR - 4 a 7 de setembro de 2009. CD-ROM. 2009b.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Transmedia storytelling: más allá de la ficción**. 2011. Disponível em: <http://hipermediaciones.com/2011/04/10/transmedia-storytelling-mas-alla-de-la-ficcion/>. Acesso em: 17 jul. 2013.

SCOLARI, Carlos Alberto. Transmedia Storytelling: Implicit Consumers, Narrative Worlds, and Branding in Contemporary Media Production. **International Journal of Communication** 3, 2009. p. 586-606.

Carlos Pernisa Júnior

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1962.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

**Carlos Pernisa Júnior** é doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Professor associado da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.  
E-mail: [carlos.pernisa@ufjf.edu.br](mailto:carlos.pernisa@ufjf.edu.br)

RECEBIDO EM: 29/04/2012 | ACEITO EM: 13/07/2013

